

INTERVENÇÕES URBANAS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO DURANTE AS JORNADAS DE JUNHO/JULHO DE 2013

Marília Carolina Asterito Baptista¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo trazer indícios sobre quem são os indivíduos que participaram das Jornadas de Junho/Julho de 2013 a partir das intervenções urbanas de Tavares na cidade do Rio de Janeiro. É a partir da análise dessas intervenções - sejam feitas nos ônibus ou na sua propagação na página do *Facebook* - e de uma entrevista com o seu criador que é possível identificar marcadores sociais que compuseram esse momento heterogêneo da luta política. Sendo assim, Tavares é utilizado aqui como um instrumento que torna mais clara a compreensão sobre quem eram esses personagens que compuseram as Jornadas, quais as disputas que estavam em questão e sobre como o contexto em que se vive interfere no que é produzido na esfera artística em suas mais diversas formas.

Palavras-chave: intervenção urbana; Jornadas de Junho/Julho de 2013; cidade

URBAN INTERVENTIONS ON CITY OF RIO DE JANEIRO DURING THE JOURNEY OF JUNE/JULY 2013

Abstract

This article seeks to bring clues about who were the persons that made part in the Journeys of June / July 2013 taking as a start point the analysis from the artistic urban interventions of Tavares in the city of Rio de Janeiro as a way to understand the heterogen political context. Therefore, Tavares is used as an instrument that helps to make more clear the comprehension of who was these characters that composed the journeys, wich disputes were in question and about how the context interfere in what kind of art is produced in its most varied forms.

Keywords: Urban Intervention; Journey of June / July 2013; City

¹ Mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - PPGCS. Contato: marilia.asterito@hotmail.com

Introdução

A cidade se move, transpira e fala e tal fato não me passou despercebido. Sempre me voltei para as formas de intervenção que nela são feitas, seja apenas as observando ou produzindo. Minhas observações e intervenções nos ônibus que circulavam pela Baixada Fluminense ganharam outra dimensão quando ingressei na universidade, já que meu olhar, acostumado a se deparar com grafites e pichações apenas, nos longos períodos de deslocamento entre minha casa e universidade, foi apresentado a outras formas de intervenção: as realizadas nas costas dos assentos dos ônibus. Tocada pelo conteúdo político claro e direto de algumas delas, passei a fotografá-las e me questionar tanto sobre as motivações de quem a produzia como o impacto que teriam sobre as dezenas de pessoas que as visualizavam diariamente.²

O questionamento acima referido ganha corpo durante os protestos realizados nos meses de Junho e Julho de 2013 e, através do contato com as reflexões teóricas desenvolvidas na universidade, resultam nesse trabalho, no qual proponho uma reflexão sobre como as intervenções urbanas e as Jornadas de 2013 se retroalimentam.

a. As Jornadas de Junho/ Julho de 2013

As Jornadas de Junho/Julho de 2013 tomaram conta do país e trouxeram novamente à tona, para milhões de pessoas, a sensação da possibilidade de uma participação política feita a partir do protagonismo das ruas. Nelas, além dos movimentos sociais que estiveram presentes defendendo suas pautas tradicionais, outros atores políticos, menos afeitos a tais manifestações nas ruas, também se colocaram.

Determinar o momento inicial das Jornadas na cidade do Rio de Janeiro ainda é uma questão em aberto, tendo em vista que várias manifestações contra o projeto de cidade instaurado pelas políticas e atitudes da esfera governamental – com as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), as remoções devido a megaeventos

² Entende-se grafite como uma forma de expressão artística nos muros da cidade, que utiliza tinta Jet, majoritariamente colorida, produzindo desenhos, frases, nomes e afins. A pichação se apresenta aqui como outra forma artística, igualmente utilizando Jet, porém em sua maioria monocromático. Esses possuem lógicas, estéticas e moralidades próprias, as quais, por vezes, tornam pichadores e grafiteiros rivais, já que apresentam maneiras distintas de ver e se fazer presente na cidade.

como a Copa do Mundo e as Olimpíadas ou com o aumento das tarifas de ônibus em si – já causavam diversas mobilizações pontuais.³

Ao analisar as políticas acima, torna-se possível identificar tanto no projeto das UPPs, quanto nas remoções, um discurso higienizador adotado pelo poder público. Tal afirmativa se justifica pelas constantes referências as “favelas” como espaços de transgressão, nos quais as “as leis que regem o restante da cidade” (LACERDA; BURLON, 2013, p. 133) não são observadas devendo, portanto, serem civilizados através da intervenção estatal. Neste contexto, em 2009, é lançada o projeto das UPPs como a solução para o Estado retomar o poder das mãos dos traficantes. Nele, em lugar das incursões punitivas seguidas de retiradas, se estabelece uma estratégia de ocupação policial permanente. Desde seu início este projeto enfrentou uma série de questionamentos e resistências por parte dos moradores das comunidades ocupadas e estudiosos do tema, as quais foram expostas nas Jornadas de 2013 (FLEURY, 2012).

Outro ponto que gera questionamento do meio acadêmico e leva as ações sociais que vão subsidiar as Jornadas são as remoções de milhares de moradores para a realização das obras de infraestrutura necessárias a realização da Copa do Mundo e das Olimpíadas no Rio de Janeiro, as quais compõem um

...quadro preocupante apresentado reforça a afirmação da existência de um processo de segregação espacial e de elitização da cidade, com forte aprofundamento das desigualdades sócioespaciais, pelo deslocamento deste contingente populacional de bairros das zonas Centro, Sul e Norte para a zona Norte/ Oeste. (GALIZA; VAZ; SILVA, 2013, p.16)

Ao entrecruzarmos os dois momentos acima é possível notar a presença do Estado que se relaciona a partir de uma lógica marcada pela presença policial como solucionadora de conflitos e o qual reprime setores populares que protestam contra um modelo de cidade que não foi pensado para atender a todos seus moradores. Este dado em comum cria o contexto para o surgimento desse evento multiverso, mas que também reproduz, em certa medida, uma série

³ Unidade de Política Pacificadora, um projeto da Secretaria Estadual de Segurança do Rio de Janeiro que se propõe a instalar postos policiais em comunidades dominadas pelo tráfico, principalmente da cidade do Rio de Janeiro, iniciado em 2008. Esta proposta é até hoje constantemente criticada por diversos setores da sociedade. Disponível em < <https://goo.gl/5xDWca> >. Acessado em 10 de agosto de 2016.

de movimentos de massa registrados ao longo da História, sempre cercado por especificidades que também tornam tão complexa sua análise.

Como data simbólica para o início das Jornadas é comumente aceita a manifestação organizada pelo Movimento Passe Livre de São Paulo (MPL-SP), tendo como pauta principal a Tarifa Zero, *slogan* do movimento, e o questionamento da mobilidade urbana, a partir do princípio do direito à cidade. As mobilizações se espalharam e tomaram grandes proporções, não só em diversas capitais do Brasil, nos dias de atos unificados, mas também em protestos pontuais organizados em várias cidades a partir de convocações feitas com a criação dos chamados “eventos” no *Facebook*.⁴

Em artigo no qual analisa as Jornadas, Braga e Silva (2014) chama atenção para o fato de que a mobilização promovida pela MPL traz a questão da justiça social partindo do questionamento dos meios de transportes nas grandes cidades, mais especificamente o aumento da passagem. Aponta ainda como esse movimento apresenta uma inspiração Anarquista a medida em que é apartidário, segue um princípio de organização horizontal, recusando a hierarquia centralizada e propondo um transporte público gratuito e universal, no qual os ônibus seriam pagos não pelas tarifas, mas pelos impostos progressivos a partir de uma reformulação da distribuição do orçamento público.

Não sabemos se o crescimento das manifestações levou a uma repressão policial violenta, ou o inverso, o que é possível afirmar é que a violência foi elemento presente nos atos, em suas mais diversas formas, assim como narrativas sobre elas, sendo foco de grande parte das obras de arte produzidas pelas intervenções urbanas do artista aqui tratado.

Prisões, agressões físicas aos manifestantes, táticas e movimentos que muitas pessoas não acreditavam que a polícia fosse capaz de utilizar, seja pela não divulgação da grande mídia⁵ ou por serem feitas até então apenas contra uma população invisibilizada diariamente devido a sua condição social e racial agora atingiam representantes de uma classe média, branca e escolarizada. O desconforto aparece quando é vista uma violência direcionada a setores da

⁴ *Facebook* é uma rede online de compartilhamento de informações e impressões sobre o mundo social na qual é possível construir uma rede de relações com pessoas, com as quais compartilhamos distintos níveis de proximidade, participar de grupos e páginas que possuem um determinado interesse além de publicar, comentar, “curtir” e compartilhar frases e imagens.

⁵ Entendo grande mídia enquanto veículos de comunicação, em suas mais diversas formas, que tem atingem majoritariamente os brasileiros como os Grupos Rede Globo, Record, Bandeirante e Silvio Santos.

sociedade com mais capital econômico e social (BOURDIEU, 1989) não sendo, portanto, possível ignorá-los.

As Jornadas trouxeram consigo um movimento de aparente polarização da sociedade, como podemos verificar diante das reações em relação ao uso da tática dos *Black Bloc*.⁶ Os que a utilizavam ao mesmo tempo em que eram chamados de vândalos, pela grande mídia e por parte dos participantes das manifestações, eram aclamados por outra parcela da população. Este trabalho parte da percepção de que o *Black Bloc* é um movimento complexo e amplo que questiona, em certa medida, a forma de se fazer mobilizações sociais, como sugere uma entrevista dada a Carta Capital por um dos adeptos ao afirmar que

A sociedade tende a considerar a depredação como algo 'errado' por natureza. Mas se nós sabemos que os alvos atacados, em sua maioria agências bancárias, até o momento não foram realmente prejudicados – ou seja, os danos financeiros são irrisórios –, qual é o real dano de uma estratégia *Black Bloc*? Por que deveria ser considerada errada *a priori*? Não há violência no *Black Bloc*, há *performance*.⁷

A partir do exemplo acima, proponho que as Jornadas de 2013 foram um movimento diverso e plural tanto em suas propostas quanto nas formas de participar e vivenciar seus eventos, estando esta diversidade relacionada à compreensão que seus atores tinham em relação o questionamento quanto a forma de inserção no espaço urbano enquanto local de pertencimento.

⁶ Os primeiros registros sobre a tática *Black Bloc* remetem ao movimento autonomista alemão na década de 80, mas neste trabalho usaremos como referência as manifestações realizadas no dia 30 de novembro de 1999, data na qual grandes manifestações foram feitas na cidade de Seattle, Estados Unidos, em torno do local onde se realizava a reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC) conferiram projeção mundial a este movimento. Caracterizados pela vestimenta uniforme na cor preta – cor símbolo do Anarquismo – com os rostos cobertos para impossibilitar a sua identificação o grupo, o qual é heterogêneo, se apropria de diversas estratégias de ação coletiva, desde as correntes de contenção como forma de organização, a utilização de barricadas até a libertação de presos, seja devido à superioridade numérica e a pressão feita sobre os policiais, incluindo ainda a depredação de patrimônios públicos e privados. No Brasil se configuram nas Jornadas de Junho/Julho de 2013. Disponível em < <https://goo.gl/5gnMoZ/>>. Acesso em 5 de agosto de 2016.

⁷ Entrevista para a Carta Capital, título “Não há violência no *Black Bloc*. Há *performance*” por Willian Vieira e Piero Locatelli, publicado 02/08/2013. Disponível em < <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/201cnao-ha-violencia-no-black-bloc-ha-performance201d-710.htm> >. Acesso em 09 de agosto de 2016.

Um dos elementos que nos permite identificar a diversidade presente nas Jornadas é a presença de

...centenas de pessoas e agrupamentos políticos, tendo como principal característica a participação de cidadãos e cidadãs não inseridos nos tradicionais movimentos sociais. Constatou-se nos diversos atos a presença marcante da juventude, principalmente estudantes universitários e secundaristas. As reivindicações escritas em cartazes feitos à mão foi uma marca importante dos atos de protestos demonstrando a diversidade de posições e pensamento sobre a realidade brasileira, assim como a ausência de uma direção única e de lideranças de movimentos sociais já conhecidos no cenário político coordenando tais atos, como estávamos acostumados a presenciar em momentos anteriores. (SANTOS PEREIRA, 2013, p.83)

Todos eles se mobilizando, ainda que com estratégias e abordagens distintas, sobre a questão da ocupação do espaço público – tema que não é novo. Esse é um dos catalisadores das insatisfações quanto aos processos de fazer e de expressar a política em um movimento que consistiu em ocupar, reorganizar e reapropriar as ruas, os espaços e suas formas de uso (HARVEY, 2013).

Nesta perspectiva, a cidade e a sua formação atual é permeada por desigualdades, podendo a rua ser entendida enquanto espaço de conflito, como afirma Frehse (2015), e são essas desigualdades que, em certa hora, se expandem criando grandes hiatos marcados pela violência corporal, estatal e simbólica (BOURDIEU, 1989). Em consequência desse fenômeno podem ocorrer movimentos de revolta popular contra a ordem estabelecida. Podemos, portanto, conceber as Jornadas como uma disputa entre projetos políticos/ideológicos divergentes sobre o que é ser cidade e como ela deve ser habitada, no qual, os excluídos e silenciados também se representam e se reconstróem.

A partir do exposto acima é possível sugerir a instauração na cidade do Rio de Janeiro de um modelo hegemônico sobre a noção do que é progresso, urbanização e desenvolvimento desde o final do século XIX, com uma série de reformas que visavam à construção de uma nova cidade essa que excluía a parcela pobre e negra da população. Esses ideais se perpetuam até hoje, sejam nos discursos eleitoreiros ou nas falas dos moradores de diversas localidades, a ponto de povoar o senso comum com uma forma de entender a cidade que exclui, camufla e invisibiliza a pobreza, jogando-a para as periferias, em um processo de

embranquecimento dos centros urbanos acompanhado por um movimento de alta especulação imobiliária.

O surgimento de discursos e movimentos que se posicionam contra esse modelo hegemônico de urbanismo, partindo da percepção da cidade enquanto fruto de uma construção humana, passa a defender ações diárias, posicionamentos e práticas políticas, intelectuais e econômicas feitas por indivíduos e coletivos que buscam a transformação do modelo de vida urbana até então estabelecido (HARVEY, 2013).

As Jornadas de 2013 podem ser inscritas entre os movimentos acima, pois se constitui em um esforço no qual “a retomada do espaço urbano aparece como o objetivo” (MARICATO, 2013, p.10) a ser alcançado, tendo como principal estratégia a ocupação e o uso dos recursos que a própria cidade oferece, em outras palavras, como afirma Raquel Rolkin no livro *Cidades Rebeldes*, ao falar sobre o MPL-SP

A cidade é usada como arma para sua própria retomada: sabendo que o bloqueio de um mero cruzamento compromete toda a circulação, a população lança contra si mesma o sistema de transporte caótico das metrópoles, que prioriza o transporte individual e as deixa à beira de um colapso. Nesse processo, as pessoas assumem coletivamente as rédeas da organização de seu próprio cotidiano (ROLNIK, 2014, p. 10)

Partindo da certeza de “se nosso mundo urbano foi imaginado e feito, então ele pode ser reimaginado e refeito” (HARVEY, 2014, p.33) os coletivos e indivíduos ocupam os espaços públicos de todas as formas possíveis na esperança de que suas manifestações sejam fortes o suficiente para levar o Estado e a classe política a se curvarem diante das vozes da rua no que se refere à ocupação e ordenação do espaço público.

Por que o Tavares?

Entre os vários coletivos e indivíduos que tomam as ruas na Jornada de 2013 é possível identificar um número significativo de artistas que utilizaram suas performances e intervenções como forma de contribuir para a reflexão que a cidade estava fazendo sobre si mesma. Diante de um universo tão grande de manifestações artísticas, impossível de abordar em um artigo, escolhi trabalhar

com uma pequena e importante parte dessa rede de intervenções na cidade que é a obra de Tavaréz.⁸

Tavaréz é um personagem inspirado nos trabalhadores da Revolução Russa que nasce, segundo o autor, no contexto das Jornadas de Junho/Julho de 2013. Ele é definido pelo mesmo como uma representação clara das ideias de seu criador, enquanto um personagem que permite uma comunicação direta, sendo em si uma “produção cultural, ideológica, educativa, contra hegemônica” (TAVAREZ, 2014).⁹

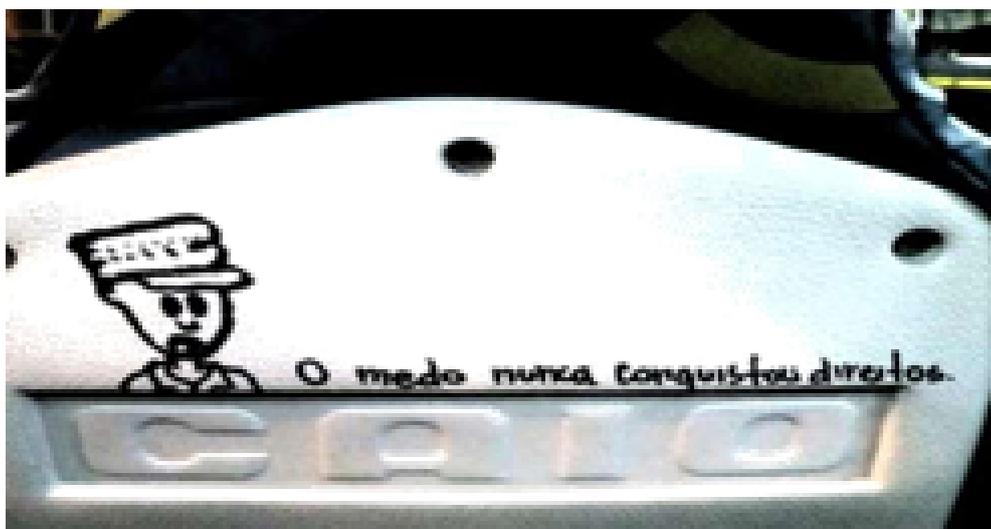


Figura 1 - Primeira foto publicada na página com o personagem Tavaréz em uma produção no ônibus no dia 23 de outubro de 2013, tendo nove curtidas e treze compartilhamentos. Fonte: <https://goo.gl/hWZ69w>

Acompanhado sempre de frases que refletem sobre a situação política vivenciada no país, Tavaréz é um personagem que pode ser visto em três espaços principais: em muros; ônibus de diversas partes do Brasil, principalmente no

⁸ Sobre outras formas de intervenção na cidade que criticam o modelo hegemônico de ocupação da mesma, destaco as figuras do Batman Pobre, personagem *alter ego* de um artista que promove sátiras e uma releitura da figura do *Batman*, e Alex Frechette que possui uma série de trabalhos, dos mais diversos formatos, desde vitrais pintados, colagem sobre religiões, pratos e frigideiras pintadas a cadeados. Ambos, sempre envolvendo questões ou acontecimentos dos últimos anos no que se trata dos conflitos que marcam a cidade.

⁹ Entrevista a Revista Vírus edição 32. Disponível em <http://issuu.com/virusplanetario/docs/issuu_completa_32/1>. Acesso em 8 de agosto de 2016. Juntamente a essa publicação a postagem de um vídeo sobre a mesma reportagens. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ul3SHNoZ_HY>

Rio de Janeiro e através da internet, seja em sua página no *Facebook*¹⁰, na qual grande parte de suas produções estão registradas, incluindo as especificamente feitas para serem ali postadas, ou em um blog,¹¹ que atualmente não é mais atualizado, perdendo seu espaço para sua página na rede social. Além dessas vias de exposição escolhidas pelo artista, entrevistas concedidas a canais midiáticos também servem de espaço de divulgação de seu trabalho, mesmo que, segundo o artista, possuam um papel secundário.¹²

Um ponto importante a ser destacado é o esforço do artista, durante toda a entrevista concedida a mim, em apresentar o personagem Tavares como representação de si mesmo, não havendo, portanto uma separação entre ambos. O que o artista produz é uma narrativa sobre si mesmo partindo de sua produção artística para definir o que ele é o que pensa sobre o mundo em uma aproximação constante de relacionar quem ele é com o personagem ali presente. Nesse contexto de constante autoafirmação abro aqui um parêntese para destacar que, metodologicamente, criarei uma separação entre artista e obra baseada na formulação de Bakhtin (2011) de que não podemos nos limitar a analisar qualquer produção artística a partir da psique do artista, já que tal abordagem desconsidera a totalidade na qual ela foi gerada, e o fato de que “se faz artística somente no processo de interação do criador com o ouvinte como situação essencial no acontecimento desta interação.” (BAKHTIN, 2011, p. 153).

Acredito que tal reflexão justifica tanto o fato de não se poder acatar a constante afirmação do artista como uma expressão pura e direta de si mesmo, como também permite pensar que toda essa forma de arte feita tem de uma maneira, ou de outra, parte daquilo que ele acredita divulgar em seus trabalhos. Assim, por mais que Tavares reproduza os sentimentos e aspirações de seu autor, movimento que é constante na produção artística, a ideia de traduzir a pluralidade de um artista por apenas essas obras esvazia seus sentidos e empobrece a análise. Diante disso diferenciarei personagem de artista, chamando o autor de Eduardo e sua obra, o boneco com as frases, de Tavares.

Ao tratar explicitamente de temas como o aumento das passagens, o extermínio da população negra, machismo, a greve dos garis em 2014, e afins, a produção de Eduardo nos permite pensar e repensar a relação que se estabelece com a cidade

¹⁰ <https://www.facebook.com/pages/Tavares/421434617966860?fref=ts>.

¹¹ Blog Disponível em <<http://tavaresdesenhando.blogspot.com.br/>>

¹² Idem nota 9.

a partir de uma arte que intervém nos espaços de circulação pública, juntamente com o papel que as redes sociais, com a internet, possuem enquanto meio de legitimar e divulgar sua obra.

Esse personagem foi escolhido por diversas questões, sendo a primeira e fundamental delas o fato de ser fruto de um contexto de grande mobilização social na busca de mudanças, o que o transforma em uma fonte preciosa a compreensão da realidade então estabelecida. A segunda razão foi a repercussão que seu trabalho alcançou através das redes sociais, contando na época em que a pesquisa foi produzida, com mais de 18.000¹³ “curtidas” em sua página, além de ser constantemente compartilhados em diversas páginas pessoais e outras coletivas que tratam desse tipo de arte. Por último, o fato da maioria de suas intervenções serem feitas em ônibus, locais específicos que, segundo minha percepção, demonstram e carregam uma linguagem própria e que foram o estopim das Jornadas a partir do aumento das passagens.

Esse trabalho está baseado na concepção de que as intervenções artísticas no corpo da cidade podem ser fontes de entendimento desse conturbado período vivido pela cidade do Rio de Janeiro, tanto no âmbito político quanto socialmente. Desta perspectiva, portanto, a arte nela/sobre ela produzida apresenta-se como forma de leitura e entendimento da realidade vivida de um determinado ponto de vista, logo entendida como condensador de valorações sociais (BAKHTIN, 2011). A partir dessa postulação a questão que aqui se constrói enquanto cerne desse artigo é em qual medida a análise das intervenções artísticas produzidas nesse período nos fornecem pistas para identificar atores e grupos sociais que se fizeram presente ativamente na Jornada.

Prazer, Tavares.

O primeiro contato com Eduardo, através do perfil Tavares Periferia no Facebook, foi rápido e decisivo, pois nele o artista se mostrou solícito e disposto, inclusive, a uma entrevista *tête-à-tête*. Tal atitude desconstruiu meu medo prévio, pois acreditava que haveria resistência do artista a se expor, devido ao fato de utilizar um pseudônimo para assinar sua produção, visando manter sua identidade em sigilo. Na entrevista descobri que outros pesquisadores e artistas

¹³ Esse número é referente ao segundo semestre de 2015. Atualmente, no segundo semestre de 2017, a página de Tavares foi substituída pela página “Tavares Vandal” que tem 205 seguidores, acessível a partir do link: <<https://www.facebook.com/tavares.periferia>> acessado em 29 de setembro de 2017.

já haviam entrado em contato com ele e que esses encontros não sendo tão raros como se poderia supor.

A entrevista foi realizada na Biblioteca Parque Estadual, localizada no Centro do Rio de Janeiro e o entrevistado compareceu com mais de duas horas de atraso, justificadas por estar preso em uma reunião de organização do movimento social no qual atua. Conversamos durante algumas horas, tendo perguntas previamente construídas como guia.

Eduardo pode ser enquadrado na noção de jovem, estando na casa dos vinte anos.¹⁴ É morador da Zona Norte do Rio de Janeiro desde criança e quando mais novo não possuía, como disse, facilidade para o desenho

Nunca fui de desenhar [...] Aquela criança 'pede pra ele que ele sabe (desenhar) nunca [...] Desenhar pra mim é um esforço, não é um prazer. (Eduardo)

Afirma ter cursado Geografia na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e possuir mestrado na mesma instituição, trabalhando questões urbanas na cidade do Rio de Janeiro, a partir dos conceitos de franja urbana¹⁵ e periferia¹⁶, sendo esses presentes em suas produções.

Quando questionado quanto sua posição ideológica, se define comunista, deixando claro, diversas vezes, não só a crítica ao Partido dos Trabalhadores, mas também a outros partidos, acreditando na transformação social a partir de movimentos sociais e sindicatos. Segundo ele, sua opção política surgiu a partir do contato com um grupo que realizava reuniões em uma igreja católica segundo os postulados da Teologia da Libertação¹⁷ e da Comunidade Eclesial de Base (CEB) da Ordem Franciscana.¹⁸ A participação nestes encontros levou-o a se envolver

¹⁴ Entendo jovens enquanto a definição do Estatuto da Juventude enquanto pessoas de quinze a vinte e nove anos de idade. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm>. Acesso em 16 de julho de 2017

¹⁵ O conceito de franja urbana é amplamente discutido, apresento aqui uma dessas definições para o entendimento do leitor sobre como a escolha do tema de Eduardo interfere também no tipo de produção feita. Assim, franja urbana pode ser entendida como estando “especialmente, em redor do núcleo central, mais ou menos saturado de atividades e despovoado de residências, desenha-se uma enorme franja periférica, mais ou menos estruturada e equipada, que se dilui por vezes muito longe, no campo” em BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline. Geografia Urbana. 2a Edição: Lisboa; Editora: Fundação Calouste Gulbenkian; 1997, p. 455.

¹⁶ Segundo ROLNIK e BONDUKI (1979, p. 147) periferia são “as parcelas do território da cidade concreta e objetivamente, a ocupação do território urbano à estratificação social”.

com integrantes de um movimento que tem como uma das principais pautas a questão da moradia e da distribuição do direito à cidade, no qual atua até hoje, em um total de nove anos. Inicialmente sua atuação esteve ligada à proposta de uma educação popular, daí estendendo-se à coordenação municipal e estadual do movimento, colaborando hoje na obra de requalificação dos imóveis ocupados. Esta trajetória foi resumida na afirmação de que

Ai foi assim, foi através da teologia da libertação de um amigo comunista na universidade que indicou. (Eduardo)

Pelo exposto até aqui, podemos perceber que a construção da identidade política de Eduardo resulta de um entrecruzamento de sua formação acadêmica em uma universidade e com movimentos sociais, dialogando ainda com a participação em encontros que propunham uma leitura da religião diversa da tradicional, defendendo a opção pelos pobres e por suas causas. Esta trajetória intelectual levou a uma mudança na forma de expressão do artista, pois suas práticas de pichador, desenvolvidas desde os 13/14 anos, passaram a incorporar denúncias sobre injustiças sociais, tanto através das pichações, quanto do uso posterior das técnicas do *stencil*.¹⁹



Figura 2 - Publicação que trata sobre o assunto da moradia na cidade. Imagem produzida em 15 de setembro de 2015.

¹⁹ “Um estêncil (do inglês stencil) é um desenho ou ilustração que representa um número, letra, símbolo tipográfico ou qualquer outra forma ou imagem figurativa ou abstrata, que possa ser delineada por corte ou perfuração em papel, papelão, metal ou outros materiais. O estêncil obtido é usado para imprimir imagens sobre inúmeras superfícies, do cimento ao tecido de uma roupa.” Disponível em < <http://vestindodiferente.jimdo.com/o-que-%C3%A9-stencil/>> Acesso em 27 de agosto de 2015.

A foto acima nos permite pensar o quanto a análise da trajetória de Eduardo possibilita um viés de interpretação sobre sua obra, na medida em que torna mais exposto o porquê de tantas questões como a cidade e a moradia aparecerem em suas produções. Na análise que faz de sua trajetória artística, a qual passou a incluir também a produção de contos, Eduardo a classifica como exitosa, justificando essa leitura na quantidade de “curtidas” que recebem em sua página nas redes sociais.

Nas Jornadas de Junho/Julho de 2013, afirma ter tido uma participação ativa, devido ao fato de estar integrado ao movimento social de moradia e por também ser professor da rede pública de educação, em um município da Baixada Fluminense. Ressaltando que nesta dupla militância, a participação nas passeatas era feita ora ao lado do sindicato de sua categoria, ora com o movimento social.

Esta participação foi marcada também por agressões por parte dos policiais e uma transferência da unidade escolar na qual lecionava, devido ao seu afastamento por mais de 120 dias, em consequência da greve de professores de 2014.²⁰ Tal transferência fez com que seus tempos de aula fossem pulverizados entre dois municípios e três escolas distantes entre si, levando-o que pedisse exoneração de sua matrícula “antes que eu comece (sic) a tomar remédio para dá aula” (EDUARDO, 2015). Essa atitude, segundo ele, não diminuiu seu amor pelo magistério e o desejo de voltar a lecionar está presente em sua vida. Enquanto isto não ocorre, dedica-se somente ao movimento do qual faz parte e a arte, ou trabalho, como o mesmo se refere a sua produção.

Segundo Eduardo o estopim para o crescimento de sua produção foram as Jornadas de 2013

Nas manifestações ai que veio desenhar de maneira bem solta no ônibus, tipo era mais um veiculo de comunicação, que tinha no Face que a galera acompanhava muito [...] por algum motivo eu tava com um algum pilot no bolso e ah, vou desenhar aqui convocando ou fazendo uma ironia ‘porque não estar na rua?’ [...] as pautas, ai fiz uma e tirei foto ai publiquei no meu face particular. Ai mo galera compartilhou, comentou, muito maneiro. Ai fiz outra e fizeram a mesma coisa. Ai só que eu fiquei meio receoso assim, mais pow a galera vai começar a identificar assim tipo ‘ai, é ele quem faz’ Ai eu falei não,

²⁰ Segundo a resolução SEEDUC nº 4474 de 26 de maio de 2010, o professor que se afastar da escola por licença médica ou greve por mais de 120 dias corridos perderá sua lotação e será remanejado para outra unidade da rede.

Ai lendo uma história em quadrinho, até da revolução francesa, tinha lá, o traço do cara era muito maneiro, tinha uns militantes, tipo uns soldadinhos né, com chapeuzinho, ai eu falei pow legal, gostei desse boneco, vou fazer esse boneco. Ai fiz, ai um amigo meu falou, 'pow Tavares' que é uma outra relação muito louca de um cara da literatura portuguesa chamado Tavares [...] Ai eu 'vamo bota esse nome então, Tavares, ai só pra mudar eu botei o 'z' em vez do 's'. Ai eu, bom agora já tenho o personagem, agora vou criar o perfil.²²

O ônibus: “Trocaria 10 curtidas por um trabalhador que apoia”

A vida moderna na cidade está diretamente ligada a formas de trânsito do sujeito entre espaços, seja de casa para o trabalho, ou indo mais além e caminhado por diversos outros circuitos que integram a cidade na qual vive. Os meios de transporte não só são formas específicas que demonstram o que se acredita como projeto de organização da vida social, como também indicam posturas políticas/ideológicas permeadas por uma forma característica de pensar a ocupação da cidade, ou seja, sobre até onde, em quais horário e como certas parcelas da população podem ir e circular.

Como primeiro ponto, acho necessário destacar o que são essas cidades, e quais os conceitos e princípios que utilizo como referência para tal. Park (1976) nos possibilita várias pistas para se pensar e repensar a cidade, com seus conflitos e nuances específicas. Aqui ela é entendida mais do que como um lugar determinado a partir das fronteiras – discussão que é ampla e plural – e sim um “estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados...” (PARK, 1976, p.25). Assim, o princípio de uma cidade imóvel e externa aos indivíduos não encontra lugar nessa definição, ou seja, deve ela ser entendida como marcada por um conjunto de práticas culturais de diversos grupos (MAGNANI, 2002).

A cidade, portanto, não é um simples espaço geograficamente determinado, é, na verdade, formada intrinsecamente pelas relações que ali são produzidas, as formas de organização social e sobre como o indivíduo se relacionar e envolve

²² Gonçalo M. Tavares citado por Eduardo é um escritor português com mais de trinta livros publicados e com diversas traduções que trata justamente de questões como o pertencimento e intervenção nas cidades modernas, entendendo a literatura permeada por uma posição política e social. Retirada da reportagem de Bruno Lorenzatto no site Outras Palavras: comunicação compartilhada e pós-capitalismo. Disponível em <<http://outraspalavras.net/posts/a-literatura-perversora-de-goncalo-tavares/>>. Acesso em 06 de setembro de 2015.

com os outros/as outras. A partir desta perspectiva, os prédios, as ruas e as vielas são produções e, por isso mesmo, não só refletem formas de entendimento e de organização do que é a vida social, mas também de como aqueles que ali vivem podem ocupar tais espaços e até que ponto estão autorizados a os reconstruir e ressignificar (HARVEY, 2013).

Ao mesmo tempo no qual constrói a cidade os indivíduos são influenciados pelas relações típicas de um centro urbano. Esse processo se dá através da intensa interação que realizam com os outros, sobretudo pelo volume de pessoas que encontram diariamente no trajeto trabalho/casa, mesmo que superficialmente, pois cada um conta seus próprios interesses. Imerso nessa realidade é possível compreender que o indivíduo desenvolve atitudes para relacionar-se com o cotidiano, sendo um deles o caráter blasé (SIMMEL, 1903) em relação a realidade circundante, a qual é marcada pela apreensão de certas informações enquanto um valor nulo, que não vale a pena se preferir umas às outras.

Como nos mostra Simmel (1903), em um mundo dominado por valores individualistas, as peculiaridades, o valor específico e a incomparabilidade perdem lugar, gerando uma atitude de reserva. Buscando preservar os momentos de apreciação, de envolvimento e de sentimento para a esfera particular, invisibilizando o que nos cerca na esfera pública como um mecanismo de proteção e manutenção dessas relações. Assim só olhamos e percebemos a nossa volta o que nos toca pessoalmente. Essa realidade, descrita por muitos como caótica, na verdade possui um nível de organização fortemente presente, o qual se baseia em mecanismos sutis de controle a ponto de serem invisíveis a um primeiro olhar. Identificar a existência e a lógica que rege tais mecanismos, adverte Park (1976), seria o primeiro passo para modificá-lo.

Esse processo de movimentação deixa o indivíduo mais exposto ao contato e interação com o outro, porém esses momentos são transitórios e instáveis, destituídos de intimidade e permanência, plenos de casualidade e fugacidades. Populações que vivem segregadas espacial e socialmente transitam no seu cotidiano respeitando as fronteiras que foram construídas ao seu redor, pois carregam consigo, e em si, a certeza de que elas podem se conectar com outras, mas nunca invadi-las.

Analisando este cenário, Caifa (2007) apresenta aspectos que permeiam essa vida e necessitam ser delimitados. Partindo da percepção de que as cidades são, intrinsecamente, como qualquer forma de associação humana, marcadas por um espaço de comunicação, ao mesmo tempo denso, em decorrência da

própria proximidade física, e dispersivo, pois carregam a marca da necessidade de rapidez na circulação, a autora defende que o encontro e o contato estão a mercê do acaso.²³ A partir desta reflexão podemos perceber o ônibus enquanto cenário privilegiado para o acaso ocorrer devido ao longo período do dia em que as pessoas permanecem nele.²⁴

Ao percebermos o ônibus enquanto espaço propício ao acaso, do encontro com o outro e com as intervenções nele presentes, a questão que se coloca está ligada ao momento desta produção, pois se trata de uma manifestação que nem sempre é percebida enquanto arte, podendo ser interpretada enquanto depredação e crime. Ciente destas leituras possíveis Eduardo afirma que

Eu acho mais maneiro na rua, público, muro... No ônibus porque eu ando muito de ônibus né, então é uma questão, no ônibus é propício, sei lá. Eu ando muito a noite, não ando na hora do rush que seria impossível. Então pow, super vazio lá a parada em branco, pow ai eu desenho. Mas qualquer possibilidade que tenha de fazer na parede, na praça, em algum lugar eu faço, colagem, mas também tem o limite técnico também. Tipo, grafite, eu gostaria de fazer muito grafite. Mas eu não sei fazer (Eduardo)

Assim, o contexto propício da solidão do ônibus, da caneta no bolso e da “frase na cabeça”, que resume uma reflexão sobre o que acontece na cidade, gera quase que instantaneamente uma produção nesse local.

A charge veio muito depois do desenho e eu prefiro muito mais tá na rua do que tá fazendo charge no Facebook, às vezes eu tento fazer a charge no ônibus, então as vezes vem primeiro no ônibus e depois vai pra forma digital. (Eduardo)

Quando perguntando sobre o tipo de pessoas que acessavam e curtiam sua

²³ O uso da expressão “acaso” não remete a uma força metafísica, mas destaca o fato de que, vivendo em uma sociedade dominada pelo individualismo as pessoas tem chances cada vez menores se envolverem com o mundo circundante, ficando cada vez mais dependente de fatores que tenham a força necessária para quebrar a inércia do isolamento na qual estão imersos.

²⁴ Segundo dados oficiais os trabalhadores no Rio de Janeiro gastam em média 141 minutos diários no deslocamento residência-trabalho. Fonte: <https://blogpontodeonibus.wordpress.com/2015/09/09/tempo-de-deslocamento-no-brasil-aumenta-e-gera-prejuizos-de-r-111-bilhoes-a-conomia>. Acesso em 12 de junho de 2015.

página digital, Eduardo afirmou que em sua maioria eram simpatizantes do Partido dos Trabalhadores, já que o número de curtidas aumentava quando sua arte criticava a deputados contrários a este partido e diminuía quando o alvo era a ex-presidenta Dilma Rousseff. Também afirmou contar com um grande número de seguidores entre os anarquistas. O fato de ter um público digital mais politizado parece não agradar Eduardo e o faz preferir apresentar sua arte nos ônibus, espaço ao qual, teoricamente, setores excluídos do universo digital teriam acesso.

A preferência do artista por produzir sua arte nos ônibus da cidade pode ser entendida como resultado de uma percepção política deste espaço enquanto lugar de tensão, desconforto e até mesmo de algumas agressões (CAIAFA, 2007) entre pessoas que vivem realidades diversas dentro da mesma cidade. O reconhecimento do ônibus como o espaço do encontro dos diferentes nos leva a questionar até que ponto a proposta de intervenção nesse espaço tão único, com pessoas tão singulares, em um momento específico não é, na realidade, o confronto direto de uma mensagem com diversos mundos possíveis que em outra instância não seriam acessados.

É importante destacar que a variação da população que frequentam esses ônibus tem seus limites, à medida que a probabilidade de moradores de um extremo da cidade circularem no oposto é pouca. Não sendo, portanto, ingênuos a ponto de pensar que todas as parcelas da população pegam um determinado ônibus e veem à mesma mensagem. A circulação de imagens e mensagens que chegam e, até mesmo, invadem um momento corriqueiro do dia a dia do sujeito, como na ida ao trabalho, não só não pode ser ignorada, como tem um papel fundamental na produção dessa arte.

A possibilidade de entrelaçar em um mesmo espaço/tempo mundos possíveis, completamente diversos, que sentam lado a lado e têm em seu plano de visão a mesma imagem, talvez não seja atraente para todos/as artistas. Para Eduardo, contudo, este mal-estar não existe, pois ele percebe neste espaço do acaso (CAIAFA, 2007), criado pela situação de passagem, como o ideal para que Tavares seja visto, fotografado e posteriormente publicado.

O predomínio de uma cultura consumista, na qual o dinheiro assume o papel de equalizador da maioria das relações, embrutece o olhar, mas não é capaz cegá-lo completamente. Nesta perspectiva a arte carrega consigo o poder de nos tocar pessoalmente, pois, agindo na esfera do sentimento, comove e coloca a realidade em perspectiva. Com os escritos e intervenções em ônibus não poderia se passar

de outra maneira. Seguindo essa lógica, ela aparece como despercebida para aqueles que não conseguem se conectar num nível pessoal com a mensagem ou imagem ali transposta (SIMMEL, 1903). Assim, essa percepção de uma imagem que para uns se faz transparente e a outros/outras mobiliza, acaba por ser uma resposta à vida nas cidades modernas e é justamente o contexto que faz com seja possível sua existência.

A presença de tais imagens nos ônibus, além do já demonstrado como particularidade, traz consigo uma rede de significados que parece transpor o que pode ser assimilado a um primeiro olhar. O fato de serem produções que circulam na cidade caracteriza um tipo único de autonomia da arte no sentido de que transitar por diversas pessoas que, seja por minutos ou horas, permanecem no mesmo ambiente que ela. Esses espectadores, contudo, ao contrário das postagens feitas na internet e, na maioria das exposições de arte, tem diante de si a possibilidade de intervirem na obra que pode ser reescrita ou riscada. Com as imagens de Tavares, especificamente, não achamos registro de movimentos de “reintervenções” físicas, porém a própria postagem de tal imagem com algumas palavras pode ser interpretada dessa forma, mesmo que indiretamente.

Sendo o aumento das passagens o estopim das manifestações, a produção de imagens que abordam o que ocorre nas ruas é extremamente simbólica, pois pode ser entendida como uma forma de reapropriação do espaço que se encontra no centro das disputas. Se a proposta, de Eduardo e das Jornadas, é repensar a cidade, o direito a ela, a circulação na mesma e as relações que a ali se estabelecem podemos perguntar: lugar melhor do que o seu ponto de largada para fazê-lo?

À medida que Eduardo circula pela cidade, defende um modelo de ação e de forma de vida, o qual passa a inscrever com sua arte nos espaços públicos, na esperança de que a ideologia nela contida se aproxime das pessoas a ponto de serem tocadas por ela (SIMMEL, 1903).

Ao ser questionado quanto ao reencontro com essas produções, já que por estarem em ônibus se revestem de uma autonomia diversa das produzidas em muros, o autor afirma que “a minha sensação é muito melhor de tá na rua, de duas semanas depois tu sentar lá e tá lá ainda (sobre reencontrá-la) eu acho incrível, ainda mais quando tiram foto e me marcam” (Eduardo). Essa resposta confirma não só como a produção no ônibus é preferida, como a circulação é importante para atingir outro público.

Reflexões Finais

O que propus nesse artigo é demonstrar como as intervenções artísticas, especificamente a produção de Eduardo, trazem consigo princípios e formas típicas das Jornadas de Junho de Julho de 2013 e que, por isso mesmo, nos permitem chaves de entendimento para um passado recente tão cercado ainda de névoas e dúvidas. A partir dessa análise pude chegar a duas conclusões. A primeira é de que Eduardo, como todos nós, é fruto de seu tempo, das lógicas nele presente, das formas de se expressar, ver e sentir a realidade social. É produto das Jornadas e carrega consigo a sensação de uma geração que protagonizou esse movimento e que, por sua vez, permite, legítima – a partir da propagação na internet dessas artes feitas, por vezes como forma de convite para as próximas manifestações – e se apropria desse tipo de arte.

Ele traz as palavras de ordem, a produção nas “costas dos bancos” de ônibus e com traços simples tem como principal objetivo a transmissão de uma mensagem claramente direcionada politicamente, demonstrando a pauta e a atmosfera que permeou esse momento. O Tavares e o Eduardo, em um mar de outros tantos interventores, nos permitem conexões que demonstram como uma produção artística é espelho do seu tempo tanto ou mais o autor lhe produz.

A segunda é a noção de que se conseguimos entender Tavares e Eduardo enquanto fruto de sua trajetória e, portanto, de seu tempo, o caminho inverso também é possível. Essa análise acredito que possibilita pistas para identificar personagens ativos nas Jornadas que estão sintetizados nessa metáfora entre os artistas e sua obra. Seus marcadores sociais - professor, classe média, comunista, integrante de movimento social e universitário - clareiam o discernimento quanto aos protagonistas das Jornadas que vão além daqueles facilmente identificáveis a partir de suas bandeiras.

Sendo assim, acredito que essa análise permita a corroboração de que existimos dentro de um contexto e que a partir de uma leitura sobre os indivíduos conseguimos captar conjunturas sociais que demarcaram certos momentos. Diante disso a intervenção urbana não aparece aqui enquanto a “invenção da roda” nem tão pouco as Jornadas enquanto um movimento que “acordou o gigante”, mas como coexistentes e retro-alimentadores de uma mesma discussão que rondava há tempos a esfera pública: o direito a cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. **Palavra própria e a palavra outra na sintaxe da enunciação. A palavra na vida e nada poesia:** introdução ao problema da poética sociologia. São Carlos: Pedro & João Editores. 2011.

BRAGA E SILVA, Larissa Gabrielle. **As Jornadas de Junho e a Teoria da Justiça:** algumas aproximações em Rawls e Walter Benjamin. CONPEDI 2014. Santa Caratina. Disponível em < <https://goo.gl/7rf34E>>. Acesso em 09 de agosto de 2016.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CAIAFA, Janice. **Ensaio e Etnografias Aventura das Cidades.** Editora FGV. Rio de Janeiro. 2007.

FLEURY, Sonia. Militarização do social como estratégia de integração – o caso da UPP do Santa Marta. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 14, nº 30, maio/agosto. 2012. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/soc/v14n30/07.pdf> > Acesso em 09 de agosto de 2016.

FREHSE, Fraya. **Aruano Brasil em questão (etnográfica).** Anuário Antropológico [Online], II | 2013, posto online no dia 01 Fevereiro 2014. Disponível em < <http://aa.revues.org/572>>. Acesso em 21 Julho 2015.

GALIZA, Helena Rosa dos Santos; VAZ, Lilian Fessler; DA SILVA, Maria Lais Pereira. **Grandes eventos, obras e remoções na cidade do Rio de Janeiro, do século XIX ao XXI.** Artigo II Conferencia Internacional Mega eventos e a cidade 2013. Disponível em < <https://goo.gl/WmnNbC> >. Acesso em 08 de agosto de 2016.

HARVEY, David. A liberdade da Cidade. In: MARICATO, Erminia... [et. al]. **Cidades Rebeldes:** Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. 1. Ed. São Paulo: Bontempo: Carta Maior, 2013.

LACERDA, Daniel da S.; BRULON, Vanessa. Política das UPPs e Espaços

Intervenções urbanas na cidade do Rio de Janeiro durante as Jornadas de Junho/Julho de 2013, pp. 336 - 357

Organizacionais Precários: uma análise de discurso. **Revista Fórum**. São Paulo, v. 53, n. 2, mar /abr. 2013. Disponível em < <https://goo.gl/rycGZm>>. Acesso em 09 de agosto de 2016.

MAGNANI, José. De Perto e de Dentro - Notas para uma Etnografia Urbana. **Revista Brasileira de Ciência Sociais**. Vol. 17. Nº 49. 2002.

MARICATO, Erminia ... [et. al]. **Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. 1. Ed. São Paulo: Bontempo: Carta Maior, 2013.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio (org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro. 1967.

ROLKIN, Raquel. As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações. In: MARICATO, Erminia ... [et. al]. **Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. 1 Ed. São Paulo: Bontempo: Carta Maior, 2013.

SANTOS PEREIRA, Ivo Emanuel dos. Análises das manifestações de rua no Brasil em 2013 e suas forças pelas redes sociais. In: ANDRADE, Sebah (org.). **Redes Sociais: múltiplos olhares**. 1 ed. São Paulo: Clube dos Autores, 2016.

SIMMEL, Georg. **As Grandes Cidades e a Vida do Espírito**. LusoSofia press. 1903.